

NOSOTROS

POR

MARIA ANTONIETA PEREIRA
Universidade Federal de Minas Gerais

Ninguém duvida de que o mundo contemporâneo passa por transformações significativas, em todos os aspectos. Muitas dessas mudanças questionam o modelo de sociedade da Modernidade e, por conseguinte, o tipo de nação inventado pela burguesia e desenvolvido pelos liberais do século XIX. Segundo Hobsbawm, a perspectiva nacional propugna a unidade de um povo a partir de três instrumentos básicos: uma língua escrita usada em textos administrativos e literários, um Estado relativamente estável e a comprovada capacidade de conquista do povo em questão. Desnecessário dizer que esse tripé sufoca internamente as etnias minoritárias, elege como verdadeiros e justos determinados traços culturais favoráveis à manutenção de um Estado autoritário e forte e, a nível externo, legitima o modelo imperial. Por encontrar sua justificativa na necessidade de progresso material e cultural, a perspectiva totalizadora da nação burguesa expandiu-se e tornou-se hegemônica no Ocidente.

Contudo, ao fazer parte dos pressupostos teóricos que alimentaram nada mais nada menos que duas grandes guerras mundiais e um número incalculável de xenofobias, a idéia moderna de nação funciona como coveira de si própria já que seu caráter excludente potencia seu efeito destrutor, inclusive contra ela mesma. O Estado burguês, expressão máxima da Modernidade, erigindo-se através de imenso aparato jurídico, político e bélico, executou incessantes atos de agressão e auto-defesa. Ao se constituir como espaço de poder político, o Estado tornou-se o principal objeto de disputa das classes sociais e, portanto, o epicentro dos mais agudos conflitos das nações, distanciando-se assim dos ideais iluministas em nome dos quais fora erigido. Ainda na Guerra Fria, que nos anos 40 idealizou o paradoxo da “paz armada”, a consciência dos limites do nacional fica evidenciada na política defensiva das nações que se associam em dois grandes blocos antagônicos, sob tutela norte-americana ou russa. Outras formas organizativas supra-nacionais, como a ONU, passam a ocupar um lugar cada vez mais destacado no cenário mundial, com o objetivo explícito de mediar possíveis conflitos internacionais pelo estímulo à cooperação entre os povos, embora tais órgãos, muitas vezes, fossem apenas executores das políticas dos países hegemônicos.

Às portas do novo milênio, o modelo nacional burguês aprofunda sua decadência. Recortadas por diferenças internas —de culturas, etnias, credos— as nações dividem-se em Norte e Sul, desmembram-se em territórios adversários, muitas vezes sucumbem à guerra

civil e se fragmentam em formas quase tribais. Simultaneamente, a estruturação supranacional ganha novos contornos a partir das políticas de mercados regionais —como é o caso do Mercosul— que pretendem não só a criação de uma zona de livre comércio, mas também a união aduaneira e uma estrutura jurídico-administrativa que promova uma gradativa integração político-econômica das nações envolvidas. Ora, todas as medidas que favorecem os mercados comuns alteram radicalmente o conceito de soberania nacional e convidam à redefinição da própria noção de identidade cultural de cada país. Um bom indicador desses novos tempos é o fato de os passaportes atualmente emitidos na Argentina e no Uruguai trazerem os dizeres *Argentina/Uruguai-Mercosul*, em que os nomes dos dois países formam uma espécie de substantivo composto o qual simboliza o que, na prática, sempre foi uma só cultura —a rioplatense. Além disso, o aposto *Mercosul*, avaliando a re-união daquilo que, política e geograficamente, se encontra separado por fronteiras nacionais, estabelece uma clássica leitura a contrapelo da história desses países, permitindo a emergência de um desejo cultural outrora recalcado.

Ainda a esse respeito, observa o uruguaio Luciano Álvarez que, embora os relatos de História pátria em seu país tenham sido “antiporteños e antibrasileños” (115),¹

el imaginario popular porteño, argentino y brasileño forman parte del ‘nosotros’ uruguayo; están presentes en el cine, la televisión y las revistas de chismes argentinas, en las telenovelas brasileñas, en las músicas fronterizas y el contrabando hormiga, en el garoto, las camisetas Hering y en el fútbol sutil de los jugadores venidos de los departamentos norteros. (117)

Hugo Achugar, outro ensaísta uruguaio, afirmava em 1994 que “tanto el individuo como el sujeto colectivo hoy en día tienen dificultades para decir *yo* como para decir *nosotros*” (160). Em junho de 1998, participando do programa de televisão *Vereda Literária*, em Belo Horizonte, Achugar mostrava novo desdobramento para a velha questão da identidade, declarando que era preciso construir um *nosotros* —instrumento lingüístico transnacional que respondesse às demandas político-culturais do Cone Sul o qual, diga-se de passagem, também é uma construção intelectual, forjada ao final do século XX.

O conceito de “nosotros”, desenvolvido por Álvarez e Achugar enquanto sentimento coletivo de pertencimento a uma região cultural, amplia a discussão sobre a mobilidade das fronteiras nacionais já que nela envolve três países do Cone Sul: Uruguai, Brasil e Argentina. Também para Tânia Franco Carvalhal, as fronteiras assumem uma identidade ambígua: “perdem a marca da diferença (de nacionalidade, de moeda, de condutas, de costumes e de normas) em favor da livre circulação e do trânsito (comercial, de força de trabalho e cultural)” (52). Tendendo a figurar, atualmente, como lugar de passagem e mistura de diferenças, as fronteiras servem menos para delimitar territórios que para indicar o lugar em que começa outra cultura. Nesse caso, não são mais a demarcação de um espaço próprio, circunscrito pelo cordão de isolamento das semelhanças e dos reconhecimentos mútuos. Mirar as fronteiras equivale, hoje, a buscar o que está além delas e portanto as

¹ Luciano Álvarez é doutor em Comunicação Social, pesquisador do Centro Latino-americano de Economia Humana e professor da Universidade Católica do Uruguai.

transforma em linha imaginária e deslocável, a partir da qual algo de diferente se inicia e, justamente porque é diferente, convida ao diálogo e às trocas culturais.

A atenção despertada pela mobilidade das fronteiras associa-se a outras discussões contemporâneas —como a que reconhece num mesmo país diferentes etnias e culturas— e desenvolve-se no sentido de verificar a existência de fronteiras internas a cada nação: de tal forma que os termos “nacional” e “estrangeiro” não são mais uma garantia rigorosa de identificação do semelhante e do diferente. Sendo assim, quaisquer interesses —os ecológicos, por exemplo— podem unir indivíduos de diversas nacionalidades e separar cidadãos de um mesmo país. As fronteiras deixam de ser um problema apenas geográfico-nacional para se tornarem também uma discussão político-cultural. Esses novos espaços de debate e consenso, extra-territoriais e supra —ou infra— nacionais, colaboram para acelerar a inserção dos países do Mercosul no processo mundial de globalização, o que complexifica mais ainda as manifestações culturais na região. A exemplo do que acontece no resto do mundo, o mapa do Cone Sul passa por condensações, deslocamentos e recortes em que o nacional —representado por várias instituições, especialmente pelo Estado— perde seu papel de mediador entre o global e o regional. Nesse caso, o confronto direto entre as tradições locais e as demandas mundiais cria novos espaços simbólicos cuja principal característica é favorecer a simultaneidade de culturas distintas, realizando o conhecido fenômeno da *multiculturalidade*.

Para Teixeira Coelho, após a contracultura dos anos 60, os fenômenos de sincretismo e mestiçagem adquiriram tal visibilidade e constância que os termos *cultura de elite*, *popular* e *de massa* tornaram-se obsoletos à medida que não mais expressam a diversidade presente nas chamadas *culturas híbridas* e *pós-modernas*. No Brasil, por exemplo, somos campeões da *cultura do desmanche* (entendida no sentido policial, de desmontagem de carro roubado), fato que sinaliza uma auto-imagem forjada por uma violência próxima da criminalidade. Uma demonstração disso está no uso, pela multidão, do termo “animal” para ovacionar um conhecido jogador de futebol. Outra forma muito difundida hoje é a *cultura do narcisismo* que associada à *cultura do consumismo* provoca, ao contrário do que se pensa, um esvaziamento do *eu*, cujo estado vacila entre o permanente desejo, a frustração e a ansiedade, à medida que não pode obter tudo aquilo que o mercado-seio-provedor lhe oferece. Por outro lado, a *cultura da autenticidade* —que busca desreprimir questões relativas a gênero, preferência sexual, religião, nacionalidade e etnia— muitas vezes se transforma numa *cultura da lamentação*, em que o papel de vítima é reivindicado e assumido “como uma visão de mundo da qual todo o resto decorre: preferências estéticas, níveis de desempenho, representação de direitos e deveres, figuração do lugar na sociedade e assim por diante”.

Além de mostrar, em dezenas de verbetes, as nuances e sutilezas das práticas culturais contemporâneas, Teixeira Coelho critica os limites de certas produções finiseculares, incapazes de enfrentar os problemas teóricos do momento. A esse fenômeno, que o autor chama de *cultura veleitória*, estariam associadas as *culturas do entretenimento* e da *publicidade*, amplamente desenvolvidas sob a forma de *cultura audiovisual*. Sendo a *cultura veleitória* a da “vontade imperfeita”, ela não consegue transformar seu impulso inicial de investigação em operadores metodológicos que orientem uma abordagem crítica do objeto. A rigor, essa cultura da “intenção passageira” não conseguiria definir, ainda que

o quisesse, nem o seu próprio objeto de pesquisa à medida que ela se caracteriza pela incapacidade de diferenciar-se dele, de decompô-lo e reconstituí-lo enquanto *corpus* passível de conhecimento.

Tais práticas conseguem articular fenômenos aparentemente inconciliáveis: a repetição típica do saber enrijecido da tradição conservadora e os métodos e técnicas da atualíssima cultura de massa. Essa aliança resulta na paralisia do pensamento crítico, pois estimula automatismos e formas arcaicas de comportamentos e crenças que exaltam a mediocridade e nivelam por baixo o desempenho intelectual. No caso do Brasil, a “cultura do xerox” é uma indicação de um saber que, construído por recortes e fragmentos, corre o risco de não ultrapassar o nível da paráfrase, da repetição e da dispersão. Embora não sendo um mal em si mesma, essa pedagogia requer intervenções teóricas que organizem o caos dos sujeitos engolfados nas infinitas cópias e controvérsias discursivas, ao longo de toda uma vida escolar.

O consumo sistemático de obras de auto-ajuda ou esoterismo é outra manifestação de processos culturais que em geral contribuem para obliterar o pensamento crítico. Contudo, essa literatura talvez indique a necessidade de se retomar a velha discussão sobre a morte ou não das experiências já que, pelo seu caráter pragmático (Benjamin 200),² ela pode ser vista como uma curiosa maneira de se dar e receber conselhos, funcionando assim como uma espécie de retorno do recalcado. No entanto, infelizmente, ela cria um tipo de leitor centrado em seu próprio umbigo, cujas respostas aos fenômenos de toda ordem se dão numa perspectiva mística, arcaica e altamente subjetiva. Para esse sujeito, em cuja fabricação interfere o *marketing* da indústria cultural, a História é apenas um *complot* de anjos e demônios ou a execução cega de destinos. Uma cultura de massas que estimula o consumismo desenfreado, que vende a violência e administra a desinformação (Dimenstein)³ contribui para que se desenvolvam crenças e comportamentos atrasados, que comprometem a memória social e a tradição estética, pela valorização da novidade a qualquer preço.

Tudo isso mostra como a produção cultural e acadêmica de hoje passa por uma metamorfose tão radical quanto a que fundou a Modernidade a partir do “penso, logo existo” e de todas as réplicas filosóficas e artísticas a essa asserção (Piglia).⁴ Contudo, ao desconstruir os cânones ocidentais relativos a universalidade, identidade e inteligibilidade do real, a crítica do iluminismo não pode se perder na crítica de toda e qualquer

² Sobre o senso prático das narrativas exemplares, afirma Benjamin: “Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida (...)”. Essas características estão todas presentes nas literaturas esotérica e de auto-ajuda, 200. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov.

³ Considerando o resultado de uma pesquisa de opinião sobre as próximas eleições, em Curitiba, e certas ponderações do Datafolha, Gilberto Dimenstein verifica que “57% dos brasileiros nunca ouviram falar em globalização; 32% ouviram falar mas não sabem o que é. Só 6% deram resposta correta sobre um fenômeno que não sai um único dia do noticiário e afeta a rotina de qualquer cidadão, como se viu com a crise nas bolsas, detonada a partir da Rússia”. E acrescenta o articulista: “Impossível deixar de relacionar o sucesso de Ratinho ao fracasso da escolaridade brasileira”.

⁴ Um dos mais importantes temas do romance *Respiração Artificial*, de Ricardo Piglia, é justamente a crítica ao *cogito*. Ao afirmar que “o sonho dessa razão produz monstros”, numa remissão ao quadro de Goya, ao pensamento cartesiano e ao nazismo, a obra mostra como o *Discurso do Método*, de Descartes, inspira sua paródia futura: o livro *Mein Kampf*, de Hitler.

racionalidade. Por outro lado, diante da afirmativa de que “não se pode renunciar a uma razão senão em favor de uma outra capaz de fazer melhor o que a anterior fazia” (Rancière 382), cabe perguntar: é possível “fazer melhor o que a [razão] anterior fazia”? Não se trata agora da construção de outra racionalidade, cujos atributos e desdobramentos nascem justamente da refutação do que “a anterior fazia”?

O conturbado multiculturalismo atual constitui um importante tema na ficção contemporânea, ela própria resultado de acontecimentos tão decisivos como as propostas contra-culturais dos anos 60 ou as redes hipertextuais das tecnologias, políticas e estéticas finisseculares. Em *A Cidade Ausente*, romance de Ricardo Piglia, realiza-se um estilo de criação ficcional característico do final do século, em que o museu literário luta pela sobrevivência justamente pela releitura de uma tradição político-estética ameaçada de desaparecimento. Essa tarefa, marcada pela prática freqüente da citação, provoca micromutações nos antigos relatos e, dessa forma, garante a sua adequação e permanência no mercado de signos, ao mesmo tempo que instaura os núcleos deflagradores de outras linguagens e histórias, situadas no futuro do novo milênio.

Dessa forma, se no séc. XIX o poeta de Baudelaire movimenta-se numa Paris que metaforiza a nação moderna e a cidade universal, a máquina de relatos, personagem de Piglia em *A Cidade Ausente*, permanece fisicamente imóvel, piscando sua luz azul-argentina na sala circular do museu, vigiada por seguranças e câmeras de controle. O *flâneur* transforma-se, no final do século XX, em *voyeur* estrábico que tenta mirar, simultaneamente, o passado e o futuro da ficção. De cismador a citador, em ambos os casos o sujeito do discurso percebe o mundo como uma multiplicidade de linguagens e culturas onde ele próprio busca e perde sua identidade. Contudo, enquanto no primeiro caso o poeta é um trapeiro-esgrimista que experimenta o mundo no corpo-a-corpo com a massa da metrópole européia, no segundo, o escritor é um *cyborg* que tenta apreender a linguagem evanescente das tecnópolis para preservá-la como um *corpus* lingüístico endereçado ao futuro.

No Brasil, a releitura crítica e ao mesmo tempo preservadora do museu literário pode ser encontrada na obra do escritor mineiro Silviano Santiago. No romance *Em Liberdade*, a poesia árcade-barroca de Cláudio Manuel da Costa, a Ouro Preto do séc. XVIII e as confabulações político-literárias da Inconfidência Mineira são convocadas a se tornarem contemporâneas de um falso diário do autor modernista Graciliano Ramos. A prática metonímica de aproximar acontecimentos e personagens distantes no tempo e no espaço explode o *continuum* da narrativa histórica hegemônica e sublinha a importância de novas abordagens em que a mescla de historiografia literária e História pátria propõe novas formas textuais e outras relações entre local e global.

Além da tematização inusitada da História, outro ponto de convergência entre as obras de Silviano Santiago e Ricardo Piglia é a interferência sistemática da linguagem cinematográfica na produção de ambos,⁵ dado que, por sua vez, demonstra a conexão entre

⁵ Além de ter sido crítico de cinema na Belo Horizonte dos anos 50, Silviano Santiago conviveu, na década de 60, com diretores do Cinema Novo. Essas experiências lhe permitiram o desenvolvimento de uma linguagem marcada por uma memória visual, fato que se apresenta em toda a sua produção romanesca e ensaística, especialmente nos romances *Em Liberdade*, *História de Família* e *Viagem ao México*.

esses escritores e a cultura norte-americana. Nesse caso, ao contrário do que ocorre com a *cultura veleitária*, a arte fílmica consegue reunir em si elementos da cultura de massa e da alta cultura num ambiente favorável à literatura, espaço em que ela pode buscar a renovação de sua linguagem. Nesse rumo, mais um intercâmbio pode ser percebido, via Jorge Luis Borges, entre Piglia e Silviano, à medida que o *aleph* —a minúscula tela que revolucionou a literatura mundial— inspira ambos na produção de microprocessadores de textos ou de personagens-dobradiças.

Percebe-se, assim, que o *plus* na fragmentação ou globalização do planeta relaciona-se, entre outras coisas, a recalques culturais que não só se transformam em distúrbios políticos, mas também criam fatos estéticos. O pensamento crítico não fica imune a esse terremoto multicultural. Pelo contrário, no caso brasileiro, ele aprofunda o que poderíamos chamar de *crise do espaço* a qual se manifesta nos conceitos de “fora-de-lugar”, “entre-lugar” e “não-lugar”,⁶ onde a evidente instabilidade sinaliza pelo menos uma certeza: nossa perspectiva ensaística tem uma vocação panorâmica, simultaneísta e espacial. Diferente parece ser o fenômeno argentino, em que os problemas que preocupam críticos e escritores envolvem, preferencialmente, os aspectos de tradição, linhagem, História e memória, configurando uma espécie de *crise do tempo histórico*. Entretanto, se ambas as culturas nacionais tentam construir seus precursores,

a memória histórica no Brasil é uma planta tropical, pouco resistente e muito sensível às mudanças no panorama sócio-econômico e político internacional. Uma planta menos resistente e mais sensível do que, por exemplo, as nascidas na Argentina, terra natal de Funes, o memorioso (Santiago 22).

Manter em funcionamento a máquina da memória ou transitar por dimensões culturais amazônicas, justamente porque constituem traços tipicamente nacionais, podem conduzir a mesclagens e trocas. Nesse caso, a situação dos uruguaios, cultural e geograficamente fronteira, indica uma interessante alternativa para as relações transnacionais no Cone Sul.

Ricardo Piglia apropriou-se tanto da linguagem cinematográfica em sua obra crítica e ficcional, que se tornou roteirista de vários filmes, entre os quais *Coração Iluminado*, de Hector Babenco, um dos finalistas do Festival de Cannes de 98. A utilização de recursos cinematográficos na construção literária pode ser observada em toda a sua obra, principalmente nos romances *A Cidade Ausente* e *Dinheiro Queimado*.

⁶ Roberto Schwarz elaborou o conceito de que, no Brasil do século XIX, as idéias estariam “fora do lugar” ou “fora de centro, em relação ao seu uso europeu”, à medida que provinham do liberalismo burguês e, portanto, mantinham uma enorme distância de nossa sociedade escravista. Tal descentramento, segundo Schwarz, construiu “um campo vasto e heterogêneo, mas estruturado, que é resultado histórico, e pode ser origem artística”, 13-28. As idéias fora do lugar.

Silviano Santiago situa o discurso latino-americano no “entre-lugar” paradoxal que reverencia e simultaneamente transgredir o modelo europeu. Ao constituir “uma escritura *sobre* outra escritura”, o texto segundo funcionaria como uma réplica dialógica e antropofágica do primeiro, “como uma espécie de tradução global, de pastiche, de paródia, de digressão”, 11-28.

Eneida Maria de Souza discute o “não-lugar” da literatura frente aos estudos culturais, ocasião em que “o literário se dilui e se transforma através de múltiplas inserções, desfazendo-se de pretensas singularidades, ao ser convocado a entrar como componente ativo na rede interdisciplinar”.

Se na metonímia da vizinhança, a estranheza de línguas e traços culturais propõe a permuta de diferenças, o conceito uruguaio de “nosotros” mostra a possibilidade de construção de um *eu* coletivo e plural, contíguo e distanciado, solidário e *outro*. Enquanto possibilidade operatória de diferenças nacionais, o “nós/otros” colabora na invenção do sujeito histórico do próximo milênio, não mais uruguaio, brasileiro ou argentino, mas nascido e criado na geografia transnacional do continente —cidadão do Mercosul.

OBRAS CITADAS

- Achugar, Hugo. “Integración y escenarios culturales”. *Mundo, región, aldea*. Montevideu: Trilce, 1994. 158-176.
- Achugar, Hugo y Gerardo Caetano (org.). *Mundo, región, aldea*. Montevideu: Trilce, 1994.
- Álvarez, Luciano. “¿El Estado puede pagar el lujo de la posmodernidad?” *Mundo, región, aldea*. Gerardo Caetano, org. Montevideu: Trilce, 1994. 113-133.
- Benjamin, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- Carvalho, Tânia Franco. “Integração ou intercâmbio? Complexidades das relações Sul/Sur”. *Declínio da Arte/Ascensão da Cultura*. Raúl Antelo, org. Florianópolis: Letras Contemporâneas e ABRALIC, 1998. 47-54.
- Coelho, José Teixeira. *Dicionário Crítico de Política Cultural*. São Paulo: Iluminuras, 1997.
- Dimenstein, Gilberto. “Ratinho para presidente”. *Folha de São Paulo*. São Paulo, p. 3/8, 30 ago. 1998. Cotidiano.
- Hobsbawm, Eric J. *Nações e nacionalismo desde 1780*. M. C. Paoli e A. M. Quirino, trad. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- Piglia, Ricardo. *A Cidade Ausente*. [1992]. São Paulo: Iluminuras, 1993.
- _____. *Respiração Artificial*. [1980]. São Paulo: Iluminuras, 1987.
- Rancière, Jacques. “O Dissenso”. *A Crise da Razão*. Novaes Adauto, org. São Paulo: Companhia das Letras/Brasília, DF: Ministério da Cultura/Rio de Janeiro: Funarte, 1996.
- Santiago, Silviano. *Em Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- _____. *Uma Literatura nos Trópicos*; ensaios sobre dependência cultural. São Paulo: Perspectiva/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1978.
- _____. “Democratização no Brasil - 1979-1981: (Cultura versus Arte)”. *Declínio da Arte/Ascensão da Cultura*. Raúl Antelo, org. Florianópolis: Letras Contemporâneas e ABRALIC, 1998. 11-23.
- Schwarz, Roberto. *Ao Vencedor as Batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.
- Souza, Eneida Maria de. “O não-lugar da literatura”. Conferência proferida no *Colóquio Trinacional: A Posição da Literatura no Âmbito dos Estudos Culturais*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, junho de 1998.